

}2.4

O Pensamento Luso- -Galaico-Brasileiro (1850-2000)

Actas do I Congresso Internacional, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2009, 3 volumes

No dia 6 de Novembro foram lançados três volumes de *Actas do I Congresso Luso-Galaico-Brasileiro* realizado em Outubro de 2007, no Porto, na Universidade Católica Portuguesa. Devemos incluir esta realização no seguimento de iniciativa anterior que à Universidade Católica igualmente se ficou a dever. Refiro-me ao *I Congresso Luso-Brasileiro de Filosofia* realizado em 1981, em Braga. É certo que, entretanto, a partir de 2000, com a realização dos *Colóquios Tobias Barreto* em Portugal e *Antero de Quental*, no Brasil, no âmbito de realizações conjuntas do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, de universidades e instituições portuguesas e brasileiras tem sido possível, de modo continuado, até ao presente, estabelecer um diálogo crítico de filosofia dos dois países irmãos. Em relação à Galiza deve mencionar-se os significativos *Colóquios sobre a Saudade* realizados em Viana do Castelo, em Santiago de Compostela e, mais recentemente, no Porto, como aconteceu com o que foi dedicado a Dalila Pereira da Costa.. Contudo, com a realização do Congresso de que agora temos a magnífica edição das Actas publicadas pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda pretende-se cumprir um objectivo, mais ambicioso, que muito se fica a dever à decisão, ao empenho e à eficácia de Arnaldo de Pinho que presidiu ao Congresso com o apoio de António Braz Teixeira, António Paim e de Xosé Luis Barreiro Barreiro. Na organização das Actas transparece a motivação de oferecer uma abordagem sistemática, o que, desde logo, confere

à obra a qualidade de um instrumento de trabalho que passa a constituir, igualmente, bibliografia de referência actualizada sobre os temas estudados: Metafísica e Ontologia, Racionalismo e Religião, Antropologia e Ideia de Homem, Reflexão Ética, Reflexão Jurídica, Reflexão Estética e Reflexão Política.

Foi realizado, também, um significativo painel sobre o pensamento de Sampaio Bruno por ocasião dos 150 anos do seu nascimento.

A obra inicia-se com amplas intervenções de enquadramento, de periodização e do estudo da evolução e da identidade do pensamento dos três povos, devidas a António Braz Teixeira, António Paim e de Xosé Luis Barreiro Barreiro.

Alinharemos, em seguida, algumas notas sobre as contribuições desenvolvidas em mais de 2100 páginas.

1. Metafísica e Ontologia

Incursão no sentido da espiritualidade que atravessa o pensamento lusogalaico-brasileiro é a longa meditação de Carlos Silva. De teor análogo, embora em distinta abordagem discursiva, nos seus pressupostos de busca de identidades especulativas, Aquiles Cortes Guimarães apresenta-nos *Metafísica e Ontologia na Filosofia Brasileira* enquadrando o tema, com especial chamada de atenção para a importância da fenomenologia como referência estruturante da especulação filosófica contemporânea no país irmão. Ramón Sanchez Rodríguez, a partir da especulação de Victoriano Garcia Martí estabelece uma ponte entre o pensamento de Portugal e da Galiza sobre a *saudade* e a *morriña*. Neste volume, assistimos à descoberta de Faria de Vasconcelos realizada por Cristiana Soveral, à reacção espiritualista no Brasil estudada por Ana Maria Moog Rodrigues e ao tratamento dado por Torres Queiruga a Amor Ruibal e à sua perspectiva realista transcendental. Rosa Mendonça de Brito debruça-se sobre a influência de Kant e do Neo-Kantismo no Brasil. O problema da Criação e do Nada em Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra merecem a atenção de Manuel Barbosa da Costa Freitas. Maria do Rosário Sanches Machado apresenta-nos um estudo sobre o conceito de ciência em Basílio Teles. *Dos arquétipos do ideal português às instâncias da realização de si* é-nos oferecido por Paulo Borges, na linha de António Quadros. Assistimos a uma revisitação à *Saudade*, ao *Oriente*, ao *Encoberto*, à *Demanda*, à *Viagem*, à *Nau*; ao *Mar*, ao *Descobrimento*, ao *Amor*, ao *Império*, a qual panóptico de um "ideal português". No fecundo diálogo de pensares surgem, do outro lado do Atlântico, um estudo de Marco António Barroso sobre a influência do espiritualismo eclético para a filosofia brasileira, tema, de há muito, desenvolvido, também, por António Paim em obra decisiva. Da Galiza, Manuel Rivas García,

a propósito de Viqueira, sublinha o clima de confraternização do início do século XX entre intelectuais portugueses e galegos, perspectivando a *Geração Nós* como contemporânea de *A Águia*. Celeste Natário dá-nos de Raul Proença, *Uma Filosofia face ao limite*, acompanhado da descoberta de uma alma que se busca saber “além do seio de Deus” e do apelo que tem de pessoal e especulativo, no atormentado filósofo, a crença no “eterno retorno”. Na senda de sínteses actualizadas e problematizadoras Miguel Real elege os aspectos metafísicos do pensamento de Agostinho da Silva. Romana Valente Pinho, desde logo citando em epígrafe uma frase de Afonso Botelho “viver é, tendencialmente, subir cantando, existir é estar em canto” penetra no âmago da reflexão ontológica do filósofo da saudade. Jorge Croce Rivera, a quem se tem devido a cuidada tarefa de nos desvendar a obra do autor da *Teoria do Ser e da Verdade*, dá-nos um denso estudo interpretativo. Jorge Coutinho, por seu turno, interessa-se pela *Teologia e a Metafísica em Álvaro Ribeiro*. Neste conjunto de pensadores maiores da Filosofia Portuguesa se inscreve, também, uma abordagem relativa a analogias de pensamento metafísico de Marinho e de Levinas, de André Veríssimo. Manuel Cândido Pimentel intervém, de modo fundamentado, no sentido de uma definição terminante de Leonardo Coimbra como pensador religioso, matricialmente cristão, em detrimento de uma recorrente interpretação que se detém na circunstância da passagem da descrença á crença. Manuel da Silva Miranda estuda Delfim Santos, relacionando Filosofia, Ontologia e Metafísica. Luís Lóia aborda *Mito e Metafísica em Eudoro de Sousa*, enquanto João Villa Chã nos oferece uma comunicação que permite situar Cassiano Abranches e Diamantino Martins na Escola de Braga (objecto de recente colóquio) frisando a actualidade dos contributos dos dois filósofos jesuítas. De novo, com Marinho, mas entre Pascoaes e Pessoa, Renato Epifânio actualiza formas de perspectivar o pensamento português actual. Maria José Cantista dedica à obra e à pessoa de Eduardo Abranches de Soveral páginas em que se cruza a análise das linhas de força de um pensamento com a experiência convivial dos problemas filosóficos que faziam parte dos interesses filosóficos do malgrado Mestre. *Metafísica, Religião e Religiosidade em Newton de Macedo*, de Pedro Baptista, e *A Noção de Universo Ontológico na obra de José Enes*, de Luís Bernardo, são contributos marcados pelo signo da actualidade das abordagens sobre temas e problemas do pensamento português. Mas, aos mais novos se junta, no acervo das Actas, comunicações dos mais consagrados como acontece com o denso trabalho de António José de Brito, a respeito das posições realistas de Miranda Barbosa frente ao idealismo. A temática metafísico-ontológica que preenche uma parte significativa do I Volume encerra-se com estudos de Maria Adelaide Mascarenhas Pacheco (*Pensar como Tradução em Vicente Ferreira da Silva*) e de Maria Luísa Couto Soares (*Inteligibilidade e Evidência – O percurso filosófico de Fernando Gil*)

2. Racionalismo e Religião

O II volume abre com um estudo de Arnaldo de Pinho (*Os grandes tópicos do confronto, em Portugal, das relações razão-fé (1830-1910)*) situando a questão a uma nova luz, ao considerar uma linha mais especulativa que passa por Amorim Viana, Sampaio Bruno e Cunha Seixas e uma outra, mais popular, que passa por Herculano, Antero e Junqueiro. Depois, no contexto da temática de Racionalismo/Religião deparamos com significativos estudos de Constança Marcondes César, abordando expressões heterodoxas com recurso ao pensamento de Agostinho da Silva, de Eudoro de Sousa e de Vicente Ferreira da Silva. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves sublinha o humanismo cristão de Alceu Amoroso Lima, António Carmo Reis detém-se na questão do *Syllabus* e no contexto histórico, teológico e conciliar que o envolve. António Sepúlveda Soares retoma o célebre enfrentamento polémico de Miguel Bombarda com o P. Manuel Santana e Manuel Rodrigues Linda não esquece a extensa e eficaz apologética do P. Sena Freitas e o seu combate ao naturalismo, ao socialismo e ao positivismo. Cumpre anotar que a vitalidade recente de estudos no âmbito do pensamento português contemporâneo conjugam a recepção do pensamento estrangeiro com a aculturação que aqui se verificou mas sem deixar, muitas vezes, de realçar a importância que essas influências tiveram para uma meditação original. Com incursão nas reflexões de Tiago Sinibaldi, de Martins Capela, de Silva Ramos e de D. Bastos Pina, Maria Manuela Brito Martins estuda a recepção do neotomismo em Portugal, O confronto entre *religião* e *progresso* é tratado por Pedro Villas Boas Tavares através da leitura que faz de Oliveira Martins. Os *Dispensos* de Álvaro Ribeiro, organizados por Joaquim Domingues, permitem a José Carlos de Oliveira Casulo um estudo sobre um novo projecto de Universidade. E sobre Álvaro Ribeiro se debruça, a seguir, Joaquim Domingues lembrando a atitude e a questionação do pensador sobre o positivismo e os positivistas. Sobre o tema das tensões Razão/Fé cumpre sublinhar o escrito de Victorino Perez Prieto em que o pensamento religioso da *Xeración Nós* é motivo de reflexão sobre Galeguismo e Cristianismo, suas tensões e complementaridades.

3. Antropologia: Ideia do Homem

Passando á temática antropológica, Leonardo Prota oferece um estudo sobre a ideia de pessoa na filosofia brasileira, com especial atenção prestada a Miguel Reale. Este ensaio fornece-nos além do mais, uma síntese periodizadora, inspirada por António Paim, que nos esclarece sobre a evolução do pensamento filosófico brasileiro: 1º período: Da reacção anti-escolástica da 2ª metade do século XVIII até ao eclectismo oitocentista; 2º período: Ascensão do positivismo a partir da República e que inclui todo o processo contemporâneo da sua superação. Gustavo

Arja Castañon dedica-se ao estudo da problemática da *consciência* na filosofia brasileira. Manuel Gama, na trajectória que vai de Amorim Viana a Sampaio Bruno, encontra horizontes de um *homem novo* permitindo-nos contemplar uma visão optimista da evolução, sob o signo da perfectibilidade do homem, assente no desenvolvimento da Razão, configurando quer o "progresso contínuo" para o Bem, presente em Amorim Viana, quer a "redenção do diferenciado" na "homogeneidade do absoluto que será", de Bruno. A ideia do homem como totalidade, de Humberto Schubert Coelho abre-nos à meditação de Roque Spencer Maciel de Barros, um dos mais significativos pensadores brasileiros do século XX. José Manuel Moreira, em abordagem bem problematizadora convida-nos a ler *Antropomorfismo: doença infantil do capitalismo* alertando para a vaga, talvez imparável, de uma cultura de direitos sem deveres e pulverizadora de padrões de referência. Agostinho da Silva, objecto de outras comunicações encontra em Manuel Ferreira Patrício a profundidade de uma meditação antropológica, centrada na presença radical da esperança. Para contraponto dessa presença esperançosa o autor convoca Ernst Bloch e o seu *princípio esperança*, com referência, igualmente a Hamelin, irmanando-os na senda da utopia. Cito a conclusão de Manuel Ferreira Patrício: "Entre Ernst Bloch e Agostinho da Silva vejo esta diferença: Bloch é o pensador do *Aqui-Aqui*; Agostinho é o pensador do *Aqui-Além*. Quem escolhe aquele que escolhe a Esperança? Eu escolho Agostinho. *O humanismo anticousista em Leonardo Coimbra* (António Martins da Costa), *Antropologia da Saudade* (Pinharanda Gomes), *Visão antropológica em Vergílio Ferreira: um humanismo impossível?* (Ana Maria Bijóias Mendonça), *Da educação e da sociedade: algumas notas para a compreensão do antropocentrismo de Amorim de Carvalho* (Artur Manso) são outras tantas comunicações de mérito que acompanham as intervenções de alguns estudiosos galegos: *Lazos entre as culturas tradicionais galega e portuguesa* (José Ramón Mariño Ferro), *Portugal e o pensamento centro-europeo na galega Xeración Nós* (Anxo Gonzalez Fernandez) e *Rexurdimento pelo espírito. Irmandades da Fala e Renascença Portuguesa* (Humberto Busto).

4. Reflexão Ética

José Maurício de Carvalho em *A persistência da meditação ética portuguesa*, desenvolve a fundamentação racional, também, no domínio ético desvinculada da religião. No mesmo sentido temático Ricardo Velez Rodriguez debate o problema da moral contra-reformista e adverte para a ausência do debate ético na cultura brasileira. Jorge Teixeira da Cunha, aborda a ética espiritualista de Amorim Viana. José Acácio de Aguiar de Castro, interessa-se pela moral espiritualista de Antero de Quental e pela recusa anteriorana de aceitar o mistério da Encarnação". *O sentido ético da experiência saudosa ou da ausência como presença em nós* é uma

cuidada reflexão de Paula Cristina Pereira .Focalizando a sua intervenção na experiência e consciência saudosa conclui, com Eduardo Lourenço, que " o esquecimento não triunfou, o Instante onde enraizamos corre imóvel sobre o seu reflexo tornado criatura a que chamamos Tempo".

5. Reflexão Jurídica

No âmbito da reflexão jurídica, que nesta organização da obra sucede á reflexão ética, anoto *O Mundo visto Direito* com atenção prestada ás relações entre a moral e o direito de Alberto Sales (João Carlos Relvão Caetano e Paulo Ferreira da Cunha), a comunicação de Getúlio do Nascimento Braga Júnior que nos permite seguir a evolução do Direito no Brasil, articulando-se bem com a abordagem de Natalie Barbosa de la Cadena sobre *Principais correntes da Filosofia do Direito contemporânea no Brasil*. Em estudo de cariz jus-filosófico Maria Clara Calheiros dedica páginas inovadoras ao krausismo brasileiro. Deve dizer-se que o tema do krausismo não foi significativamente atendido no Congresso.

6. Reflexão Estética

Na parte da reflexão estética assume particular significado o estudo de Fernando Guimarães que, com sensibilidade e conhecimento, nos permite entender a "sabedoria poética " e as influências que se verificam no simbolismo, no modernismo e no expressionismo, em Portugal, na transição do século XIX para o século XX. Eunice Maria da Silva Ribeiro adentra-se numa leitura crociana de Fidelino de Figueiredo e de José Régio, enquanto Luís Garcia Soto e António Cândido Franco dão cuidada atenção à expressão literária galega (e também portuguesa, no segundo caso). Diogo Alcoforado problematiza o "atraso" português em interessante estudo em que a interiorização experiencial e neopositivista de Abel Salazar aparece em consciente e exemplar atitude de resgate. António Pedro Pita partindo das posições de Mário Dionísio conduz-nos às concepções fundadoras do neo-realismo e às relações axiais entre Estética e Sociedade. Sobre o neo-realismo se centra, também, Isabel Ponce de Leão, ao reflectir sobre a literatura racionalista militante. Leonel Ribeiro dos Santos, em mais um dos seus estudos inovadores, permite-nos ver como Teófilo Braga é um dos primeiros teorizadores e sistematizadores da história literária portuguesa e da implícita estética positivista, aliás não muito tratada por Auguste Comte.

7. Reflexão Política

A última secção temática foi destinada às comunicações de teor reflexivo sobre o pensamento político. António Pedro Mesquita apresenta algumas

perspectivas sobre o pensamento contra-revolucionário oitocentista e Eduardo Cordeiro Gonçalves esclarece-nos sobre *A Questão do partido confessional no quadro do Constitucionalismo Monárquico Português*, pretendendo avaliar as consequências advindas para os católicos da instauração do liberalismo, que justificarão, mais tarde, as motivações da criação do Centro Católico, vigente, já, a Primeira República. Os catecismos cívico-políticos do liberalismo português mereceram o interesse de José Pereira Vinhal e Alexandre Ferreira de Sousa fornece-nos um *Breve panorama da história do Liberalismo no Brasil*. Com a marca de maior actualidade registam-se *As ideias sobre o relacionamento galego-português nos processo de elaboração dos projectos de Estatuto de autonomia para a Galiza-1846-1981* (Carlos Gonzalez Figueiras) e o *Pensamento Cultural Galego em referência a Portugal. Posição e função de ideias e grupos no tardofranquismo e na transição* (Roberto López Iglésias Samartin e Gonçalo Cordeiro Rua).

8. Nos 150 anos do nascimento de Sampaio (Bruno)

As Actas reúnem, ainda, vários estudos sobre os *150 anos do nascimento de Sampaio (Bruno)* (o que mereceria, porventura, uma nota de leitura destacada) e algumas comunicações dispersas, de muito interesse, sob a designação de Vária. Sobre a temática brunina chama-se a atenção para estudos de Paulo Samuel, sobre a *Geração Nova, Sampaio Bruno e Raul Brandão: fragmentações místicas e teorização literária*, de Álvaro Manuel Machado, *A recepção brasileira de O Brasil Mental*, de Luiz António Barreto, pesquisador sergipano a quem a comunidade de estudos filosóficos luso-brasileiros muito deve, *O pensamento político de Sampaio (Bruno) nos primórdios da República*, de Ernesto Castro Leal, *O pensamento pedagógico de Sampaio Bruno*, de Sara Marques Pereira e *A educação como factor civilizacional e A recepção do pensamento de Bruno nos meios evangélicos portuenses*, de José António Afonso. Este conjunto de comunicações que constituem uma ampla perspectiva sobre o multifacetado labor especulativo do pensador de *A Ideia de Deus* podem, de algum modo, responder, também, à questão que, em conferência inicial do Congresso, Afonso Rocha entendera colocar: *Sampaio (Bruno) o "filósofo português"?*

Em intervenções conclusivas e, de algum modo, com o apelo à continuidade de um projecto de pensamento luso-galaico-brasileiro refiram-se os textos de José Esteves Pereira, António Braz Teixeira, António Paim e de Xosé Luis Barreiro Barreiro.

José Esteves Pereira

Prof. Catedrático da Universidade Nova de Lisboa